



Nem sempre é fácil para um brasileiro entender como, em territórios relativamente tão pequenos como é o caso da Grã-Bretanha, há tantas diferenças, de ordem política e cultural.

Pelo pouco que pude ler (Leitura de turista, sabem como é? Bem superficial mesmo), dentre as nações que ocupam esse território insular, o País de Gales tem sua relativa autonomia reconhecida muito recentemente. Essas terras foram habitadas pelos celtas, desde que há algum tipo de registro documental que possa atestar isso, ainda que haja gente vivendo por aí desde os tempos pré-históricos, na Idade do Ferro. Os celtas tinham construído fortalezas nas elevações do relevo, mas foram dominados pelos romanos no século I d.C., o que levou à substituição do druidismo pelo cristianismo, além de ter propiciado a construção de muitas estradas e novas cidades para cobrar impostos. Entre 200 e 400 d.C. foram eles, os romanos, como diria Asterix, que mandaram por aqui. Os saxões tentaram conquistar essas terras depois, sob as ordens do Rei Offa, e chamavam-na de Wales, nome que, depois os autóctones assumiram como seu. A invasão normanda ocorreu em 1066 e embora não tenha levado à completa dominação do País de Gales acabou por propiciar a doação dessas terras a três barões que se estabeleceram em Chester, Shrewsbury e Hereford, cidades situadas nas áreas mais baixas das terras onde, antes, estavam apenas galeses e esses afastaram-se para o noroeste montanhoso liderados por

# PERCORRENDO WALES

## CARDIFF A LIVERPOOL

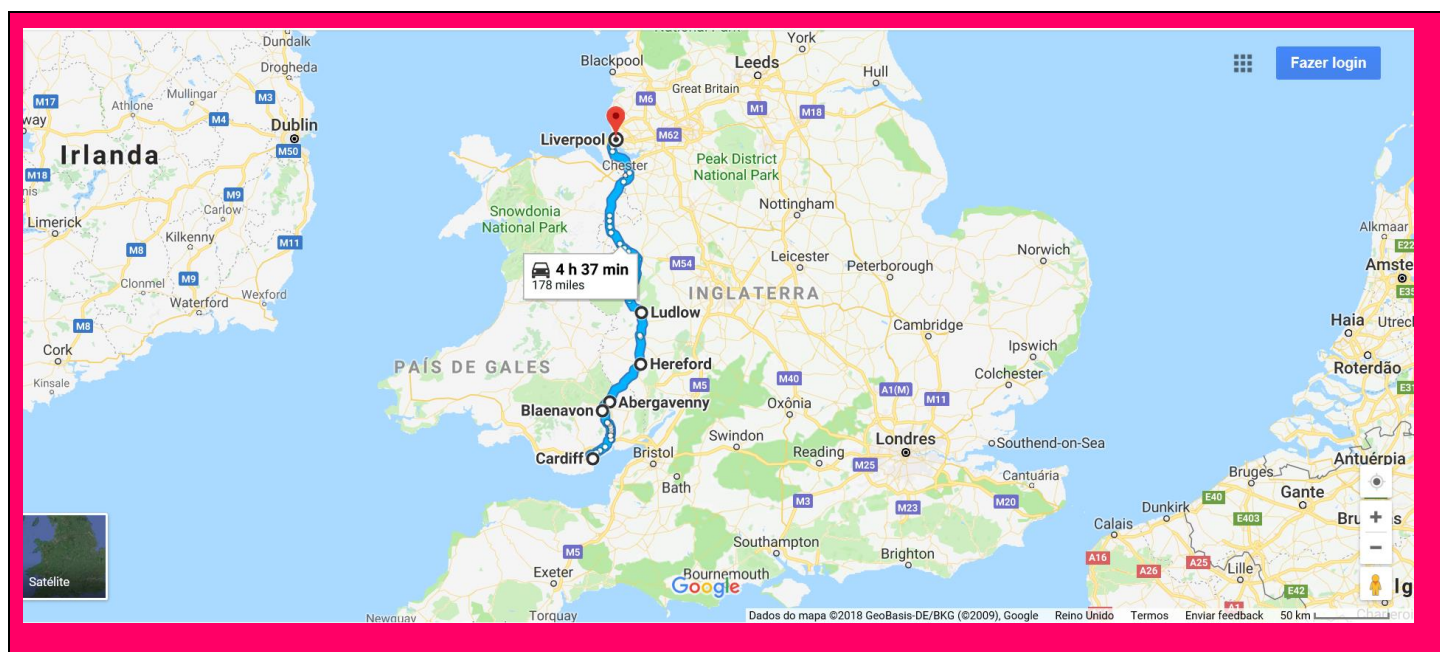
**CARMINHA BELTRÃO**

01 de setembro de 2018



Llywelyn. Em 1267, seu neto, denominado ‘Llywelyn, o Último’, foi reconhecido como Príncipe de Gales, por Henrique III, mas as coisas não foram fáceis para os galeses, nem mesmo após esse reconhecimento, porque outros reis que subiram ao trono inglês, não queriam a autonomia política de Wales e, somente no pós segunda Guerra Mundial, algumas mudanças ocorreram de fato: - em 1955, Cardiff foi reconhecida como capital dos galeses, o que significa que, além de uma nação, havia agora algum estatuto político administrativo; - em 1967, o idioma galês tornou-se obrigatório nas escolas e - em 1997, um plebiscito aprovou a independência do Parlamento Galês, mas a Inglaterra só reconhece esse fórum como uma assembleia, ou seja, segundo o Professor Ioris da Universidade de Cardiff, quem manda mesmo é o Primeiro Ministro da Inglaterra.

Bom leitor, que tal a história de um povo em uma menos de uma página? Fraco né? Era só um jeito de começar a contar o primeiro trajeto que fizemos de carro pela Ilha da Grã-Bretanha. Se você leu a primeira parte desse diário – Inglaterra I, Viajar é dessorsegar – já peço desculpas pela falta de sequência. Estou pulando do trajeto entre o aeroporto em Londres e o centro da cidade, no dia 24 de agosto, direto para o dia 01 de setembro. Depois eu volto (ou não) para contar sobre Londres e Cardiff, mas agora vou focar no percurso que está no mapa que segue.

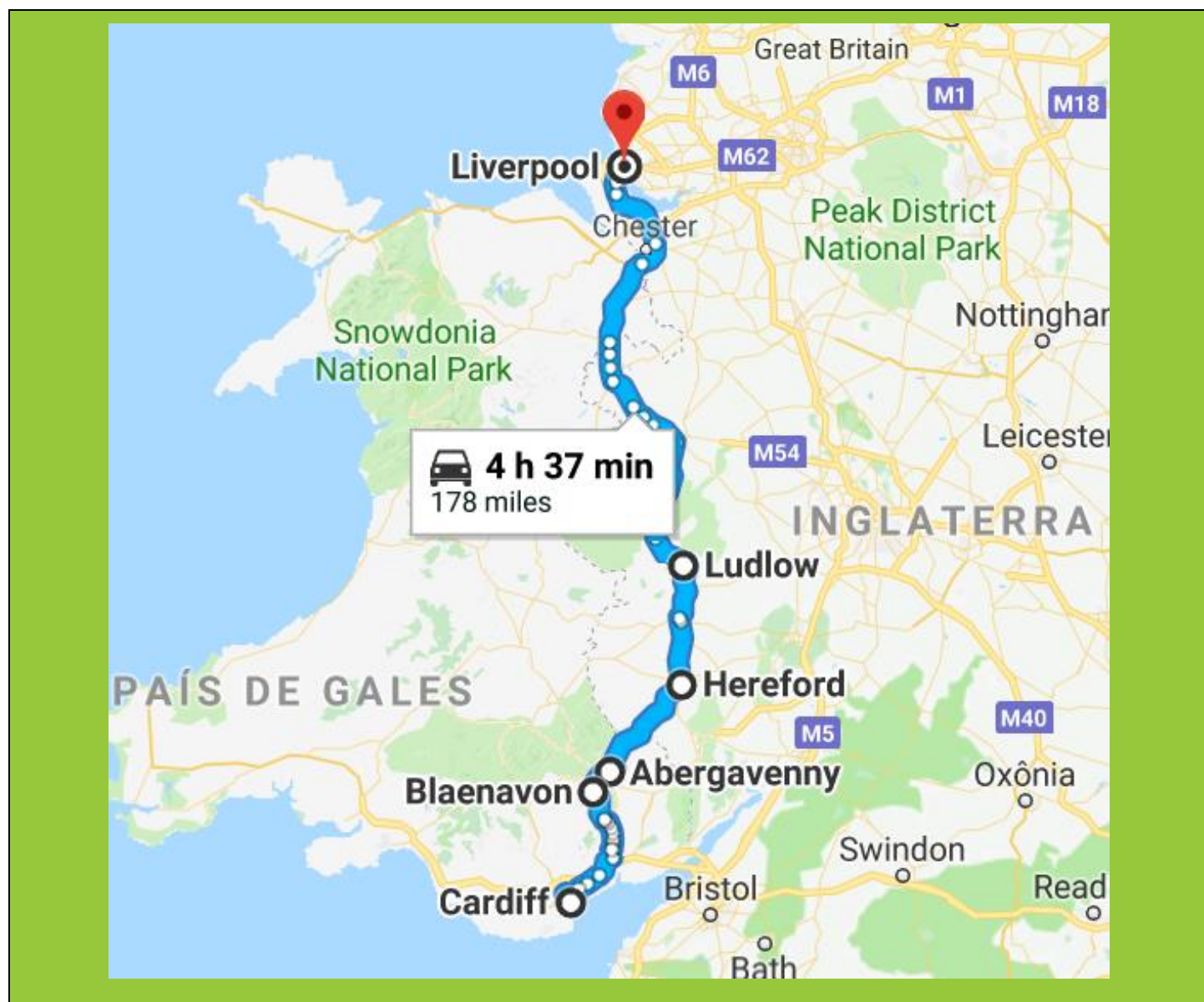


Além do Guia Visual Folha “normal”, desta vez, adquirimos a versão intitulada “Estradas da Inglaterra, Escócia e País de Gales” que divide a ilha da Grã-Bretanha em 25 roteiros, nos quais são priorizadas paisagens naturais, rurais e pequenas cidades... Vale a pena, mas, às vezes, para um brasileiro que não pode conhecer centímetro por centímetro da ilha é um pouco demais de detalhes. Mesmo assim, estamos escolhendo parte desses roteiros e o próximo mapa mostra, com um pouco mais de zoom, o primeiro dia do nosso percurso e as cidadezinhas nas quais passamos, que correspondem a pontos do que, no guia, estão nos roteiros 12 e 15. Houve decepções e expectativas mais que correspondidas, para ver que é preciso, antes de mais nada, andar e ver. Lembram que escolhi valorizar mais os percursos do que os destinos?

A estrada entre Cardiff e Blaenavon era agradável. Estreita para quem está com um carro relativamente largo, como o que alugamos, mas, em várias passagens, o efeito da vegetação é muito agradável, ainda que me faça ter dúvidas sobre isso, quando eu penso no inverno que deve ser duro por aqui. Estamos tecnicamente no verão, mas, como disse Eliseu, isso não chega a ser nem uma verinha. As temperaturas



têm variado entre 11 e 22 graus, mas na maior parte dos dias não chega a 18 graus nem mesmo no meio do dia.

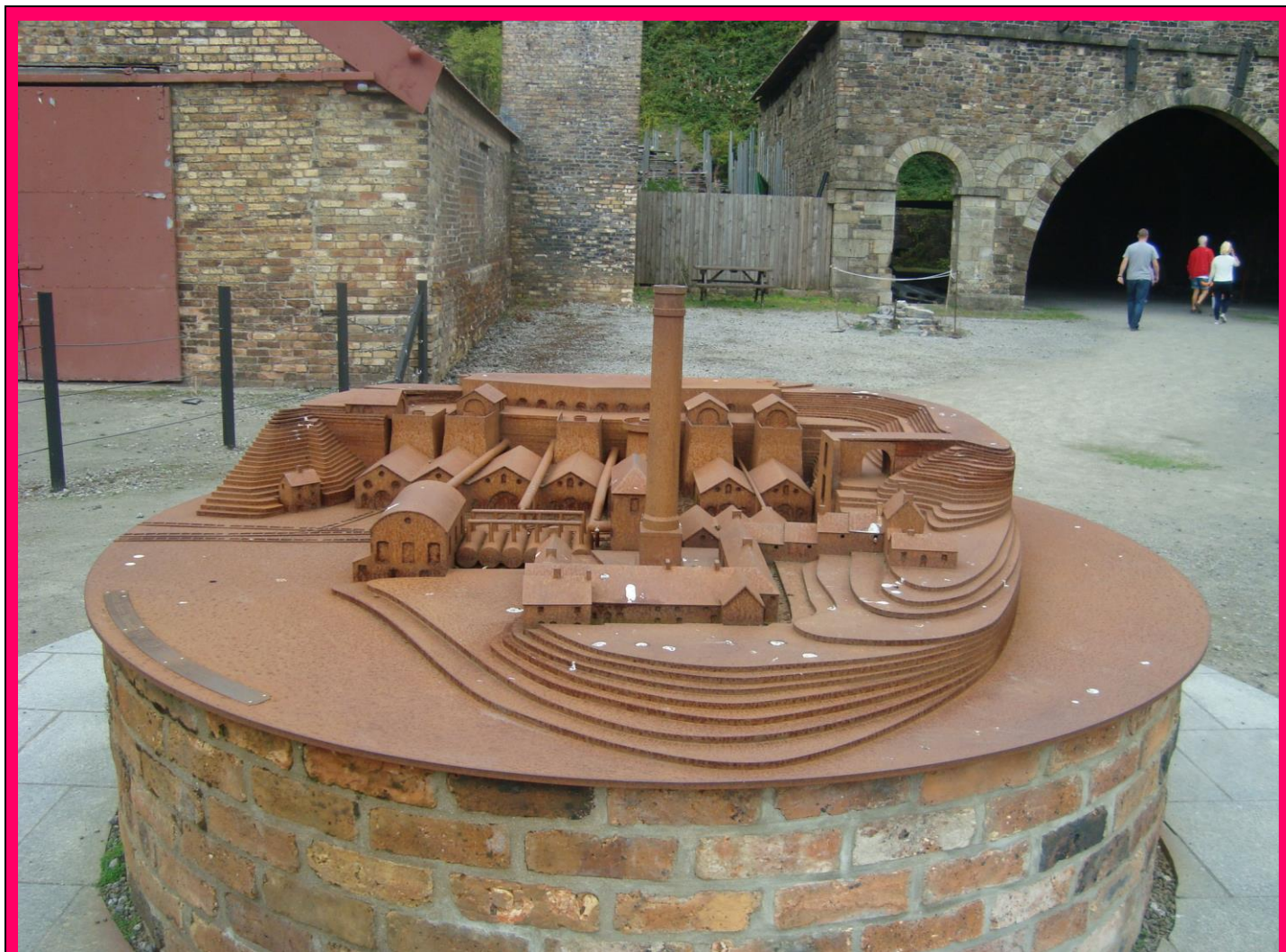


A chegada à primeira parada do roteiro não foi animadora. Blaenavon não é uma cidade graciosa, muito ao contrário, é bastante sem charme, mas tem sua história, por isso é considerada, pela Unesco, como Patrimônio da Humanidade.





A agência de correio é a construção mais graciosa da cidade, que se notabilizou por ter sido importante no início da Revolução Industrial, uma vez que aí se localizava, em 1787, a fábrica mais avançada de peças de ferro, a qual se constituiu num efetivo complexo que tinha desde fornos a vapor até chalés para os operários. Vejam a maquete do que foi essa estrutura de produção e, na sequência, a boca de um de seus vários fornos e algumas imagens que mostram como viviam os operários da fábrica. Neste sábado que, por aqui passeamos, a cidade parece morta e não guarda nada do apogeu econômico que pode ter vivido. Resta esse museu a céu aberto e outros dois que acabamos por não visitar.







O percurso para Abergavenny, ainda por estradas secundárias e cercadas de vegetação, permanece efetivamente lindo e, pela janela do carro, é uma delícia observar a combinação tão arrumadinha de montanhas, vales com agricultura, vegetação ao longo dos cursos d'água e pequenos lugarejos que nem chegam a ser urbanos, mas também não são mais totalmente rurais. Suponho eu que, hoje, várias dessas construções seculares sejam mais usados por turistas, sobretudo, ingleses e galeses, que passam os finais de semana fora das cidades maiores.

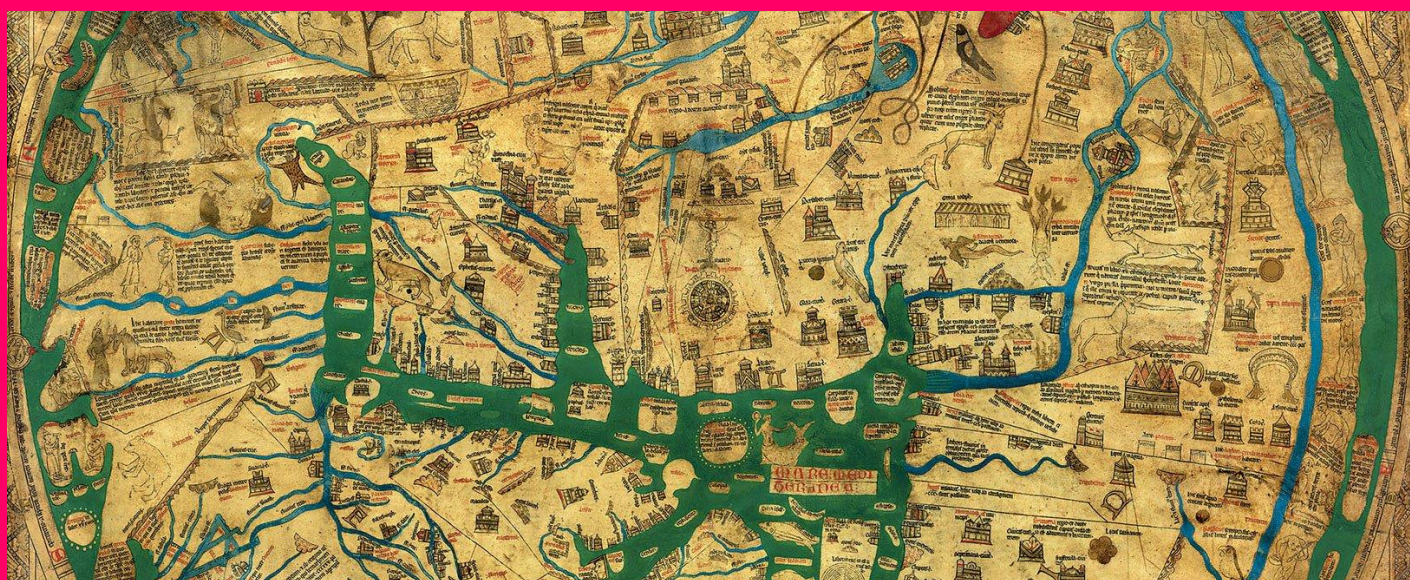


Abergavenny nos esperava com chuva e nem pudemos fazer algumas fotos. Já passava um pouco das 14h e havia gente pelas ruas, parecendo que uma parte deles era turista, mas não turistas como nós, brasileiros vindos de tão longe, e sim, provavelmente, gente ali do País de Gales ou, no máximo, da Inglaterra.

A chuva nos desanimou um pouco, mas a chegada a Hereford, fazendo o trajeto por uma estrada estreita, foi compensador. A água que caía fina e contínua do céu deu uma trégua e a cidade, talvez também por



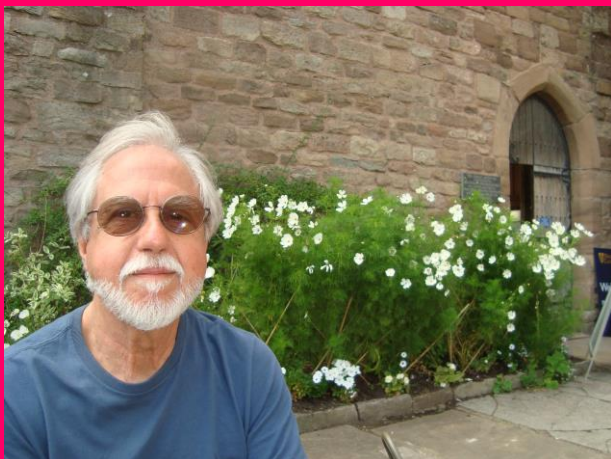
isso, pareceu bastante bonita. Alguns pontos merecem destaque: ela foi palco de lutas entre galeses e ingleses, durante a Idade Média; sua catedral é magnífica; o comércio estava animado nessa tarde de sábado (vejam a fachada e a vitrine da loja de flores); mantém-se a visitação à biblioteca que havia na catedral, onde os livros estavam presos às estantes por correntes; no museu anexo à essa grande igreja, havia um mapa mundi desenhado em 1290, no qual o Mar Mediterrâneo é o centro do mundo. Só esse último ponto, para dois geógrafos, vale a visita. Compramos dois posters do mapa mundi: um que é uma espécie de fac simile do original (se percebi bem em latim) e outro com o mapa traduzido para o inglês. Vamos emoldurar para colocar na sala de reuniões de nosso grupo de pesquisa – GASPERR.



Fonte: <https://www.herefordcathedral.org/mappa-mundi>









No jardim que circundava a catedral, muita gente curti o filetinho de sol que banha o País de Gales e os turistas, como nós, aproveitavam a tarde com uma xícara de café ou de chá.

Sinceramente, já estávamos, como diriam nossos alunos, desancanados, ou seja, não esperávamos ver mais nada. Sabe quando já não se consegue memorizar todos os nomes de lugares e registrar os séculos em que foram construídas as diversas edificações pelas quais passamos? É assim que estávamos, com mais experiências na cabeça e no coração do que um dia poderia conter. Ainda assim, vimos Ludlow, uma cidade mercado da região de Marches, que foi rica por causa do comércio da lã e, hoje, mantém-se, por causa do turismo, um lugar agradável. Havia uma feira que, no final da tarde de sábado, estava sendo desmontada, e várias lojas, que funcionando em edifícios construídos em enxaimal há alguns séculos, tornavam o ambiente muito bom para uma caminhada de final de dia.





As duas primeiras fotos desse conjunto de seis registram meus lugares preferidos em Ludlow: à esquerda, uma loja que vendia de tudo e mais parecia representativa da vida urbana da primeira metade do século XX, com seus baldes de zinco e ferramentas agrícolas; a da direita, é a da fachada do Hotel Feathers de 1619 e, se você leitor observar bem, verá que a porção superior à esquerda já está desalinhada do conjunto da fachada, de tal modo que se têm a impressão que a edificação pode cair a qualquer momento.

Chegamos cansados a Liverpool, no começo da noite.